

O FILHO MAIS VELHO DE DEUS E/OU LIVRO IV: A ANTIFICÇÃO CIENTÍFICA NAS TEORIAS CONSPIRATÓRIAS DA NARRATIVA MUTARELLIANA

O FILHO MAIS VELHO DE DEUS E/OU LIVRO IV:
SCIENCE ANTIFUNCTION IN THE CONSPIRACY
THEORIES OF THE MUTARELLIAN NARRATIVE

Damásio Marques¹

¹ Doutorando e Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

RESUMO: Analisar o conceito de ficção científica em *O filho mais velho de Deus e/ou livro IV* é o objetivo central deste trabalho. O oitavo romance de Mutarelli narra a trajetória de um protagonista que se vê envolvido em uma sociedade secreta. A partir da análise do romance e de leituras críticas de teorias da conspiração, questionou-se de que forma essa narrativa se configura como uma antificção científica. A ironia é fator determinante para situar a obra nesta categoria, por meio do negacionismo evidenciado nas teorias conspiracionistas presentes.

PALAVRAS-CHAVE: Antificção científica; Teorias da conspiração; Negacionismo; *O filho mais velho de Deus e/ou livro IV*; Lourenço Mutarelli.

ABSTRACT: Analyzing the concept of science fiction in *O filho mais velho de Deus e/ou livro IV* is the main objective of this work. Mutarelli's eighth novel narrates the trajectory of a protagonist who finds himself involved in a secret society. From the analysis of the novel and critical readings of conspiracy theories, it was questioned how this narrative configures itself as a scientific antifiction. Irony is a determining factor to place the work in this category, through the denialism evidenced in the present conspiracy theories.

KEYWORDS: Scientific antifiction; Conspiracy theories; Denialism; *O filho mais velho de Deus e/ou livro IV*; Lourenço Mutarelli.

APRESENTAÇÃO

O filho mais velho de Deus e/ou livro IV faz parte do projeto *Amores Expressos*, que concedeu bolsas a escritores para que escrevessem histórias de amor que se passassem nas diversas cidades por onde se hospedaram. Além de Lourenço Mutarelli, participaram também outros importantes autores contemporâneos, como Luiz Ruffato, Bernardo Carvalho, Joca Reiners Terron, entre outros.

Mutarelli, antes da escrita de romances, construiu uma longa carreira dedicada aos quadrinhos, produzindo a maior parte de sua obra nas *graphic novels*, pelas quais recebeu diversos dos mais importantes prêmios da área. Este oitavo romance do autor trouxe-lhe grandes problemas com prazos e com o enredo, o que o levou a declarar uma certa dificuldade em se trabalhar com encomendas. A narrativa traz uma importante discussão com a ciência. Num panorama como esse atual, em que a ciência vem sendo amplamente discutida, o texto questiona por meio da ironia a crença em sociedades secretas e teorias da conspiração. Tendo como cenário uma Nova Iorque recém-saída dos atentados do 11 de setembro, Mutarelli discute por meio de um protagonista, que participa de um programa de proteção de uma sociedade secreta, as crenças na ciência diante de um imaginário conspiracionista, numa sociedade abalada pelo terrorismo e a paranoia causada pela espera de novos ataques. Assim, questiona-se de que forma a ciência adentra uma narrativa de ficção científica como essa, servindo de apoio, mesmo que através do sarcasmo, à explicação de fenômenos aparentemente inexplicáveis. A ironia sustenta a visão de antificção científica na obra, uma vez que certas características do gênero ficção científica, observadas na narrativa, são colocadas em xeque justamente pela falta de comprovação científica, próprio das teorias conspiracionistas, mas que, ainda assim, utilizam estrutura semelhante ao do gênero.

O enredo do romance apresenta como personagem principal um sujeito que é obrigado a mudar de nome constantemente, devido a envolvimento em vários problemas e situações que o fazem entrar em contato com seitas clandestinas, organizações que são reconhecidas por envolvimento com teorias consideradas conspiratórias. É importante, nesse sentido, explorarmos a construção do imaginário que carregam tais teorias da conspiração. Embora não sejam atuais – ao contrário –, parece que

nunca estiveram tão em alta por conta da atual situação pandêmica de Covid-19, e os pensamentos negacionistas que rondam essa era.

Importante também apresentarmos o que se diz sobre as obras de ficção científica, uma vez que, num primeiro momento, o romance pode ser visto como uma produção pertencente a esta área. Ciência e religião são temas que permeiam toda essa narrativa ambientada num espaço fantasmático, pois a Nova Iorque metonímica aqui representa todo o medo e paranoia presente nos EUA por conta dos ataques. A visão de ficção científica na obra impulsiona uma busca que tem como ponto de partida o que se põe no excerto abaixo:

“Foi então que George lembrou da pergunta do amigo na época da Robbinsdale Armstrong High School.

- Você sabe quem foi o primeiro filho de Deus?

Mas Peanuts não sabia a resposta. Por isso disse:

- Não.

- Lúcifer. Lúcifer é o primogênito de Deus. A estrela da manhã. A estrela-d’Alva” (MUTARELLI, 2018, p.137).

A revelação feita pelo amigo vai servir mais adiante como estímulo à curiosidade e, conseqüentemente, às pesquisas e estudos realizados pelo protagonista de questões demoníacas e religiosas que tentem explicar certos fenômenos. O filho mais velho de Deus que dá título ao romance é, nas falas da personagem, Lúcifer.

A FICÇÃO CIENTÍFICA NO LIMIAR DA LITERATURA E DA CIÊNCIA

Existem muitos conceitos para definir o gênero que se apresenta como ficção científica. O que esses vários conceitos apresentam em comum é que se trata de uma ficção que se utiliza de práticas científicas e podem apresentar, geralmente, antecipações de inventos científicos.

A ficção científica costuma ser apresentada ao público leitor como uma subdivisão da tipologia narrativa do romance por trazer na sua

essência um predomínio à imaginação e uma diluição da realidade observada. Embora sua trama narrativa seja tecida a partir de conceitos científicos, a ficção é rejeitada por alguns cientistas por se tratar de uma narração marcada pelo caráter fantástico, e pela capacidade de envolver o leitor em um mundo inverossímil. Em meio a esse dilema, a ficção científica encontra-se em um não-lugar tanto no âmbito da Literatura, quanto ao da Ciência. (CONCEIÇÃO, PORTO e COUTO, 2020, p.2).

No excerto acima, pode-se destacar o predomínio da imaginação e a diluição da realidade como fatores marcantes do gênero. Ora, assim é de se pensar que embora o gênero seja relacionado à ciência, esta não tem o dever aqui de explicar fenômenos, como se faz supor. É o que se percebe na continuação da citação, pois, uma vez fantástica, é rechaçada pela ciência, segundo os autores, por uma suposta inverossimilhança. Entretanto, um ponto possível de se observar é a não-concretização dos elementos fantásticos, inventos futuristas, objetos tecnológicos se concretizarem no mundo real – pelo menos, a princípio – conforme apontam os autores: “O leitor, diante da narrativa, percebe a impossibilidade dos elementos fantásticos se concretizarem em seu mundo real, entretanto aceita a lógica da ficção como uma viagem para outra dimensão da existência, a imaginação” (CONCEIÇÃO, PORTO e COUTO, 2020, p.3). Assim, na verossimilhança interna da construção narrativa, tudo é possível, desde que construído conforme as próprias leis que regem a narração dentro do caráter inventivo e ficcional de uma forma narrativa como essa. Conceição, Porto e Couto citam Eco, para quem, “[...] a boa ficção científica é cientificamente interessante não porque fala de prodígios tecnológicos [...], mas porque se apresenta como um jogo narrativo sobre a própria essência de toda a Ciência, isto é, sobre a sua conjecturabilidade”. (ECO, 1989 *apud* CONCEIÇÃO, PORTO e COUTO, 2020, p.6-7).

Na visão de Eco, a grande qualidade do gênero está nas possibilidades que a ficção científica pode trazer, nas propostas e discussões que podem ser aventadas e nas possibilidades apontadas para a ciência. Não, necessariamente pelas invenções e aparatos tecnológicos que apresentam.

[...] a ficção científica se utiliza de seu espaço inverossímil para antever os possíveis desdobramentos sociais de decisões científicas,

na perspectiva da cultura e do contexto histórico. Bem como, anuncia uma relação estreita entre ficção e Ciência que induz o leitor a recolocá-la na condição de potencializadora de reflexão sobre o papel da intervenção científica no mundo. (CONCEIÇÃO, PORTO e COUTO, 2020, p.15).

Conforme se pôde observar no trecho acima, uma das características da literatura de ficção científica é a antecipação de possíveis desdobramentos. Barossi (2017) reforça esse traço do gênero e aponta para a definição de Gernsback: “por *scientifiction* eu quero dizer o tipo de estória de Jules Verne, H. G. Wells e Edgar Allan Poe – um romance encantador *entremeado com fatos científicos e visão profética*” (GERNSBACK *apud* BAROSSO, 2017, p.5 – grifo nosso). Nesse sentido, a afirmação pode aproximar *O filho mais velho de Deus e/ou livro IV* da ficção científica:

“Terça-feira, 11 de setembro de 2007

Um dia triste para a cidade.

Infelizmente o tempo mostrará a Nova York e ao mundo, em breve, que o Onze de Setembro foi brincadeira de criança quando comparado com o dia 18 de dezembro de 2027” (MUTARELLI, 2018, p.207).

Aproxima, de certa forma, ao antecipar um acontecimento no futuro. Porém, o simples fato de anunciar um acontecimento futuro não é suficiente para caracterizá-lo como uma ficção científica, pois um texto puramente profético poderia também fazê-lo, inclusive, por meio do sobrenatural, visões ou outros elementos mágicos e/ou fantásticos. No entanto, a mistura de visão profética e fatos científicos, uma das marcas da *scientifiction*, caracteriza o texto de Mutarelli. Barossi (2017) prefere o termo Ciência Ficção e o define inicialmente “como um gênero – ou subgênero da literatura fantástica – cujos objetos de representação são hipotéticos, normalmente relacionados ao futuro ou a alguma tecnologia possível ou imaginada que remete à ideia de especulação científica” (BAROSSO, 2017, p.4). A autora aponta ainda que no questionamento sobre o que seria uma obra ciência-ficcional, é comum nos depararmos com temáticas recorrentes, como a presença de “robôs, descobertas tecnológicas ou *aliens*, ou ainda com a presença de explicações científicas para questões desenvolvidas nas narrativas” (BAROSSO, 2017, p.4). Uma das fixações de um dos

personagens do romance de Mutarelli é a busca por seres que ele acredita serem reptilianos do espaço:

No último ano nosso velho Paul passava horas diante da TV e na internet tentando detectar reptilianos. Dizia que a mídia, toda ela, estava sob domínio dos lagartões.

[...]

A lista de seres vindos de Draco entre as celebridades é imensa. Englobando os Anunnaki, os Draconianos, sem falar em Nibiru, o Planeta X, em Orion, na Irmandade da Serpente, e por aí vai. Essas criaturas híbridas

fazem parte do Military Industrial Complex Alien. Ou MIEC (Complexo Militar-Industrial Extraterrestre).

Paul alegava que estava prestes a revelar evidências de que seus sogros também eram lagartos do espaço (MUTARELLI, 2018, p.94/95).

A Presença de *aliens* é uma recorrência nas temáticas de ficção científica, conforme aponta Barossi. Por outro lado, a autora também cita a explicação científica para as problemáticas desenvolvidas na narrativa como uma das marcas do gênero e é isso um dos pontos que também distancia da ciência e, conseqüentemente da ficção científica, o romance de Mutarelli e o associa à ironia na explicação (ou não explicação) dos fenômenos. A concretização da profecia do 18 de dezembro de 2027, por exemplo, citado no excerto do romance, mais acima, em tom alarmista, não foi revelado pela narrativa e manifesta a ironia do narrador, deixando o acontecimento aberto para especulações, uma das características do negacionismo, oposto à ciência, como veremos a seguir.

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: A ANTIEXPLICAÇÃO CIENTÍFICA

Uma das principais características da Ciência é seu caráter comprobatório. Os métodos científicos, pautados no empirismo, têm como principal função a observação e a comprovação de fenômenos que ajudem a explicar algo, tendo a experimenta-

ção como etapas desse método, a fim de eliminar erros e/ou observar respostas, em vários níveis. “Desde a Modernidade, o conhecimento é científico quando produz provas e resultados” (CONCEIÇÃO, PORTO e COUTO, 2020, p.4). Um importante papel desempenhado na antiguidade pela Filosofia é transferido para a Ciência na modernidade na transmissão de conhecimento acumulado.

Nesse sentido, a ciência tem um importantíssimo papel e se apresenta como “um conjunto de conhecimentos que permite compreender, descrever e explicar o funcionamento do mundo construído e reconstruído pelo homem” (CONCEIÇÃO, PORTO e COUTO, 2020, p.5).

Em contrapartida, as teorias da conspiração apenas especulam. Elas questionam determinados fenômenos, negam a existência de outros, mas não apresentam estudos, pesquisas ou caminhos plausíveis, ao contrário, parecem estar mais relacionados a questões emocionais que científicas, aproximando-se mais das pós-verdades que dos fatos.

Teorias da conspiração rondam o pensamento da humanidade há séculos. Desde as antigas sociedades secretas, como a maçonaria ou os *Illuminatis*, às tentativas de explicações de fenômenos que não são facilmente explicáveis, as crenças conspiracionistas habitam e fascinam o imaginário de muitas pessoas e de seus adeptos. Apesar de muito antigas, curiosamente, as teorias da conspiração ganharam fôlego novo com a situação pandêmica dos anos 2020 em diante. Essa situação causada pelo coronavírus e a ascensão ao poder de governos que desacreditam da ciência propiciaram um ressurgimento de crenças que se pautam principalmente em teorias negacionistas. Estudiosos esclarecem que essas situações de isolamento são cenários que favorecem sobremaneira a difusão de teorias conspiracionistas. Nesses últimos tempos, ganharam notoriedade nesse campo, por exemplo, algumas ideias de como a telefonia celular, tecnologia 5G, seria responsável pela disseminação da covid-19.

Embora ainda dois anos distante do auge da pandemia, de certa forma, o romance de Mutarelli, de 2018, antecipa a questão da telefonia, antes mesmo da tecnologia 5G, apontada como grande vilã:

Infelizmente perder o emprego, para o nosso Paul, foi a gota d'água.

Anfetaminas + desemprego + problema com a polícia + vontade

de comer = seres reptilianos vindos de outros planetas dominando a telefonia celular e criando campos de concentração para extermínio em massa (MUTARELLI, 2018, p.33).

Paul é um dos amigos do personagem principal do romance, que se isola por questões relacionadas a problemas depressivos. É interessante também observar que o tema da telefonia celular, sua antecipação, aproxima a obra do conceito apresentado de ficção científica apontado mais acima, pois antes de a teoria ganhar força entre os adeptos das conspirações o romance já fazia essa referência. No entanto, nada nesse sentido foi confirmado e, ironicamente, o que se coloca como ficção-científica se revela como uma anticiência.

Quanto à ideia dos reptilianos, ela é uma teoria conspiracionista que encontra em David Icke um de seus maiores defensores. Ex-jogador estadunidense e comentarista de futebol, ele aponta famílias tradicionais britânicas, como os Rothschilds e os norte-americanos Bush como répteis espaciais pedófilos (Orsi, 2020). Para Icke, esses seres seriam os responsáveis pelo Holocausto, pois teriam financiado as práticas nazistas. Numa fala mais recente do ex-jogador, o isolamento causado pela pandemia e o uso de máscaras seria também uma estratégia de dominação dos grupos reptilianos, satanistas de extrema esquerda. Orsi (2020) esclarece que essa visão dos satanistas do espaço, na verdade, pode ser usada como argumento para qualquer coisa que soe como dominação secreta: a indústria farmacêutica, a ONU, o Vaticano. E nessa visão, o que às vezes é tomado como uma metáfora, num sentido irônico, noutras vezes adquire sentido literal, em tom de séria acusação. Dessa forma, mais vale a coerência emocional que a coerência lógica, como se apresenta o próprio conceito de pós-verdade. Assim se desenrola a narrativa de Mutarelli no romance. Uma personagem que aparenta ser a líder do grupo secreto a que acaba de chegar o protagonista descreve a operação da organização em um dos encontros com os demais membros. É dessa forma que a narrativa vai reforçando o imaginário criado sobre as sociedades secretas e a visão sobre dominação exercida pelo governo de poucos: “De forma detalhada e generosa apresenta toda a organização. Seus objetivos e planos de contra-ataque e resistência contra um governo corrupto cheio de criaturas e entidades extraterrestres

que pretendem dizimar a população” (MUTARELLI, 2018, p.85). O imaginário ligado a essas organizações e seitas secretas é responsável pela reprodução de clichês e estereótipos sobre esses grupos. Paul, personagem integrante do grupo, passa horas em frente à TV e à internet identificando possíveis répteis. Para ele, a mídia está dominada pelos ‘lagartões’ e grandes nomes como Michael Jackson, Hilary e Bill Clinton fazem parte desse grupo.

Segundo Rezende, *et al.*, (2019, p.219), “As teorias da conspiração podem ser conceituadas como crenças que servem para explicar comportamentos e ações de grupos ou organizações secretas”. De modo geral, esses grupos ou organizações se opõem ao capitalismo e, ultimamente, também ao socialismo, e enxergam determinados fenômenos, cujas explicações não são aceitas pelo grupo, como formas de dominação de outros grupos considerados mais poderosos. Nesse pacote cabem especulações sobre o atentado de 11 de setembro, a ida do homem à Lua ou a pandemia causada pelo coronavírus. A crença em teorias da conspiração, segundo os autores, costuma estar associada a baixos níveis de escolaridade e de pensamento analítico e a necessidade de essas pessoas se sentirem seguras, além de superestimarem acontecimentos sem explicação aparente. Os conspiradores são vistos, assim, sempre como grupos inimigos e poderosos, que querem dominar nossas mentes e o mundo. Já para Silva (2010, p.06), “as teorias da conspiração sugerem uma explicação alternativa para um qualquer acontecimento, desmentindo a versão oficial e tentando, de certa forma, desmascarar os intentos malévolos e ocultos de certos indivíduos”. O trabalho de Silva (2010) responde pelo estudo das teorias da conspiração frente a literacia midiática, que

relaciona-se com o grau de educação para os média dos indivíduos, no sentido de estes saberem como procurar e consumir informação antes de acreditarem nela, deixarem afectar-se por ela, e formarem a sua opinião, sem ao menos confirmar se a mesma é fidedigna. Mais do que saber ler mensagens, é necessário saber interpretar, decodificar, questionar e desconstruir essas mesmas mensagens (SILVA, 2010, p.8).

Nesse sentido, Silva demonstra que pessoas que se relacionam com as teorias conspiracionistas possuem um baixo grau de domínio da literacia midiática, asso-

ciado ao baixo nível de escolaridade. A pesquisadora adianta ainda que essas teorias captam adeptos com facilidade e o perfil destes são sempre altamente influenciáveis. Nesse pensamento, a ideia de um governo internacional ou a implementação da Nova Ordem Mundial está prevista na Bíblia e tudo faz parte do Apocalipse. Embora possa parecer, em alguns casos, a autora destaca que o conspiracionismo não é jornalismo investigativo e, aliás, afasta-se bastante dele.

George, o protagonista do romance, a princípio duvida, mas depois não questiona; passa a crer nos reptilianos e começa a viver com um, sua esposa arranjada. Seu interesse de pesquisa se restringe, no entanto, ao estudo dos demônios, influenciado por Sarah Simpson, a esposa pseudo-pesquisadora. Ora, esse é justamente um dos traços apontados por Silva em seu estudo: “os adeptos das teorias da conspiração vêm a história como controlada por forças demoníacas, onde o mal está fora da verdadeira comunidade” (SILVA, 2010, p.16). Nos estudos realizados por Simpson e na aproximação realizada por George pela revelação feita pelo amigo de que Lúcifer seria o filho mais velho de Deus, tudo não passa de planos demoníacos de dominação e controle da Terra. E, dessa forma, partindo do princípio da tentativa de dominação de corpos e mentes, aquele que está no poder quer sempre enganar, se esconder, como os demônios da narrativa. Nessa visão, as grandes potências e organizações escondem há séculos conhecimentos científicos elevados, que são escondidos do resto da humanidade. Tudo para dominar, pois, não esqueçamos, os grandes governos estão ligados aos processos de dominação, ou são demônios, ou reptilianos extraterrestres, ou tudo isso junto. Nesse sentido, os pesquisadores se apresentam como meros especuladores que aceitam a pós-verdade como conclusões definitivas. Aqui a ironia reside também no realce dos métodos pseudocientíficos ancorados em práticas negacionistas e conspiratórias, mas que se apresentam como ciência. Brait (2008) discorre sobre a ironia nos mais diferentes campos, no retórico, no psicanalítico, no filosófico, no sociológico, no estilístico etc. No campo filosófico, centrado nas ideias de Sócrates, a ironia se apresenta, grosso modo, pela prática de se dizer o contrário do que se pensa. Brait esclarece ainda que, embora cada uma dessas áreas traga suas especificidades e abordagens sobre o termo, o que a maioria das concepções têm em comum sobre a ironia é que ela se apresenta sob um “discurso marcado pelo humor

e consequentemente pela ambiguidade” (BRAIT, 2008, p.22). É justamente esse caráter ambíguo que muitas vezes é o catalisador do humor na ironia. A possibilidade da dupla ou múltipla interpretação, opera no leitor da narrativa de Mutarelli a dúvida ou o questionamento. Se o romance se apresenta como ficção científica, como se coloca a ciência se as conclusões são apresentadas como pós-verdades ou teorias conspiratórias? A forma da ficção científica é utilizada para, logo em seguida, ser negada pela ironia, empregando teorias negacionistas que, a rigor, são anticientíficas.

Knight vê o perfil do conspirador como o de “um ser obsessivo, paranoico e defensor de políticas extremas com uma perigosa tendência para designar os habituais suspeitos de algo como bodes expiatórios” (KNIGHT, 2000 *apud* SILVA, 2010, p.21) criados pelos verdadeiros culpados. A internet é o meio propício para divulgação e disseminação das teorias conspiratórias. Sem barreiras, sem filtros, os conspiracionistas sentem-se soltos e livres para divulgar e distribuir seus textos, vídeos, depoimentos. É num desses grupos secretos que acreditam em teorias de dominação que se integra George. Mesmo sem saber, a princípio, que esse é o mesmo grupo que o protege não se sabe do quê.

NOMES, HOMÔNIMOS E IRONIAS

George é o nome que Albert recebe do programa de proteção. O protagonista do romance participa de um programa que, a princípio, acredita-se ser do governo. Ele deve viver uma nova vida, isolado, com família e moradia novas para viver clandestinamente, se escondendo não se sabe de que ou de quem ao certo. O grupo que o protege recebe o nome de Cães Alados e tudo é muito incerto, impreciso. Até o funcionamento do programa é meio secreto, e George apresenta muitas dúvidas:

George não está sendo bancado pelo governo. É um grupo particular quem o protege. Os fundos vêm de políticos, igrejas protestantes, famílias ricas que não confiam no governo e que acreditam em conspirações, e de uma porcentagem de membros cuja identidade é protegida (MUTARELLI, 2018, p.28).

A proteção das identidades faz circular pela narrativa uma série de nomes, que causam uma confusão de personalidades e de vozes. O uso dos homônimos, por exemplo, é um recurso que transporta o leitor da personagem da ficção para personagens da História. Dr. King é o nome do autor de um livro que George se interessa e começa a ler na casa da esposa arranjada. Porém, possui um referente na realidade que pode estar ligado a suas idiossincrasias na ficção.

Curiosamente John King foi também o nome que o serial killer “Carl” Panzram usou quando esteve em Nova York. Carl Panzram foi Carl Baldwin, Jack Allen e Jefferson Baldwin no Óregon; Jeff Davis no Idaho; Jefferson Davis na Califórnia e em Montanna; Jeff Rhodes também em Montana; e John King e John O’Leary na maçãzona. [...] Carl roubava e sodomizava suas vítimas. [...] Carl, ou John King, foi enforcado em 5 de setembro de 1930 no Kansas pelo assassinato de vinte e duas pessoas (MUTARELLI, 2018, p. 188-189).

O Dr. King da ficção é um estudioso das questões satanistas, de forma que essa referência a seu homônimo da realidade, um famoso assassino em série estadunidense, parece estabelecer com ele relações estreitas. Assim como esses personagens, o protagonista também é um homônimo, daí seu apelido ser Peanuts, como o Charles Brown, de Schulz. Poderia ser essa relação também um fator de aproximação com a natureza influenciável do famoso personagem dos quadrinhos. Mas, George é também símbolo de uma busca incessante. Além de todo desassossego atrás de respostas a questões metafísicas e conspiratórias, há uma busca evidente pela própria identidade, pois sua nomeação é uma inconstância no romance: “O que passou pela cabeça de George, pela cabeça de Charles Noel Brown, Albert Arthur Jones, George Henry Lamson, vulgo Ele, vulgo nosso George, tem a ver com a misteriosa frase que lhe foi revelada [...]” (MUTARELLI, 2018, p.200). Todos esses nomes atribuídos, ou simplesmente ‘Ele’, são as formas como o narrador vai se referindo ao personagem, revelando as várias fases de sua vida sem rumo definido.

As nomeações das personagens e suas relações com seus referentes homônimos são ironias que ajudam a sustentar as teorias negacionistas. Não se sabe nem com quem se fala ao certo. Como dar credibilidade a alguém que mal pode ser nomeado?

Os homônimos, por outro lado, servem também para confundir as relações que se estabelecem na narração, no leitor e na confirmação das teorias. Há realmente relações entre os personagens e seus homônimos do passado, todos assassinos em série? E com o primeiro filho de Deus? Todos esses demônios presentes na narrativa têm relação com o do título? São questões que se colocam para o leitor como formas de especulação, sem respostas ou comprovações, como as próprias teorias conspiratórias.

No romance, a partir da ironia, teorias da conspiração vão sendo utilizadas como forma de tentativas de elucidar fenômenos que não encontram explicação sólida na comunidade científica, ou simplesmente são criadas pelo imaginário de participantes de seitas secretas. Neste caso, a relação com o grupo que protege George está ligada à crença nos reptilianos. E tudo é posto no mesmo pacote: a religião, a dominação política e os répteis, por falta de explicação lógica: “Então Paul disse ter visto algo. / Algo que envolvia o governo e a Igreja. / O governo, a Igreja e répteis” (MUTARELLI, 2018, p.29).

A ironia, como figura de linguagem, pertencente ao campo semântico/estilístico, que possui vários desdobramentos e interpretações. Não é nossa intenção aqui explorar a fundo esse conceito, cabe lembrar apenas a acepção mais comum do termo ligado ao sarcasmo e à ideia de que ao se usar a ironia, grosso modo, costuma-se dizer o contrário do que se pensa. Ao confrontar-se o romance com esse cenário paranoico vivido por uma nação abalada pelo 11 de Setembro, em que se busca culpados e respostas para tudo, a explicação é ironicamente uma antiexplicação que encontra nas teorias da conspiração as respostas para o que não há respostas exatas ou definidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, as teorias da conspiração não dão respostas baseadas na ciência, não são empíricas, apenas especulam sobre fatos, acontecimentos e fenômenos. Mutarelli usa as teorias da conspiração como tentativas de explicar certos comportamentos, utilizando-se da ironia para marcar a trajetória de um grupo que busca explicações sem reconhecer as descobertas e as respostas científicas. Num tempo

em que o negacionismo científico e histórico ganha força, as ideias conspiracionistas funcionam como dispositivos de leitura de um mundo com amplos e novos questionamentos sobre as origens do ser, as enfermidades, os atentados, as tecnologias, sob a ótica da dominação.

O projeto *Amores Expressos* enviou escritores a importantes cidades do mundo que seriam palcos para suas narrativas de histórias de amor; coube a Mutarelli, Nova Iorque. A imagem da grande maçã deveria compor sua narrativa e assim o fez: a história de amor de um ser humano com um extraterrestre reptiliano numa cidade abalada ainda pelos acontecimentos do 11 de Setembro. Paranoica, a cidade encontra no narrador do romance o sarcasmo na configuração da grande metrópole e seus habitantes. As teorias da conspiração vão ajudando a (re)construir a imagem dessa cidade abalada pelos recentes acontecimentos, mexendo com crenças de teorias mirabolantes que foram ganhando força com esse cenário de busca e de criação de culpados, como terroristas e imigrantes.

Algumas personagens do romance são homônimas de personagens reais, assassinos que povoaram o imaginário da população ajudando a reforçar a sensação de medo e angústia de indivíduos já tão abalados pelos acontecimentos e pelas agora fortes teorias conspiracionistas. O duplo sentido reforçado pelo humor e a sátira presente no uso desses homônimos, por exemplo, compõem o caráter de farsa da narrativa.

George vive com Sarah, sua esposa arranjada pelo grupo secreto Cães Alados, que se revela um ser alienígena reptiliano híbrido (pois se reveste também de forma humana), de *Astrum Argentum*, um distante planeta, com quem tem 23 filhotes. A presença de elementos fantásticos pode sugerir um romance de ficção científica. Porém, em um país em crise pela segurança e a paranoia causada pelos últimos atentados, a busca por culpados faz-se altamente presente e, por mais absurdo que seja, as tais teorias da conspiração podem despertar e apontar culpados e, mesmo que não sejam reais, servem de alento na aflição e medo que causa essa busca de respostas. Respostas, porém, que não são dadas pela ciência, mas pela sua negação, a conspiração, que se revela no sarcasmo e na ironia dessa narrativa mutarelliana.

REFERÊNCIAS:

- BAROSSO, Luana. A ciência ficção que nos olha e a dialética entre cognição e estranhamento. IN: *Revista Abusões*, n.5 vol. 5, ano 3, UERJ, 2017.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- CONCEIÇÃO, Verônica Alves dos Santos; PORTO, Cristiane de Magalhães; COUTO, Edvaldo Souza. Frankenstein: quando a Ficção Científica questiona a Ciência. IN: *Ciência & Educação* (Bauru), vol. 26, 2020.
- MUTARELLI, Lourenço. *O filho mais velho de Deus e/ou livro IV*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ORSI, Carlos. Dos reptilianos à paranoia contra máscaras para COVID-19. IN: *Revista Questão de Ciência*, 05 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/apocalipse-now/2020/09/05/dos-reptilianos-paranoia-anti-vacinas>>. Acesso em 11 de setembro de 2021.
- REZENDE, A. T., GOUVEIA, V. V., do NASCIMENTO, A. M., Vilar, R., & OLIVEIRA, K. G. (2019). Correlatos valorativos de crenças em teorias da conspiração. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(2). 219-234. Doi: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7211>
- SILVA, Sandra. *Teorias da Conspiração: Sedução e Resistência a partir da Literacia Mediática*. Tese integrada no Mestrado em Ciências da Comunicação Variante de Comunicação Política Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2010.